

Sobre lacunas, silêncios e escavações.

Pistas para uma arqueologia da comunicação.

Christine Greiner

Em 2003, o Museu Rosenbach, na Filadélfia, apresentou uma exposição chamada *Cidades sem cidadãos (Cities without citizens)*, dando início a uma série de debates que acabaram gerando, nos anos seguintes, outras exposições em diferentes países.

O aspecto principal explorado pela curadoria de Aaron Levy era o reconhecimento de que toda cidade são muitas cidades. Há redes visíveis e invisíveis. Habitantes que pertencem à cidade e aqueles que apenas lá estão.

Algumas perguntas alimentavam a discussão: o que faz de uma cidade uma cidade? As bordas podem não só delimitá-la, mas também defini-la? Cidades destruídas e abandonadas podem ser reconstruídas a partir de suas ruínas? Como se vitaliza ou se perde a cidadania de uma cidade?

Autores que se interessaram pelo tema, antes e depois do evento, colaboraram tacitamente com o debate propondo termos como *camuflagem* (Neil Leach, 2006i), para identificar o *continuum* entre corpo e habitação, corpo e cidade; *bordas imaginativas* (Joseph Roach, 1996ii), para estudar a memória que se alimenta de traços performativos do corpo na cidade, e *perda dos gestos* (Agamben, 2000iii), como uma inevitável incapacidade de comunicar.

Entre eles, quem mais me chamou a atenção – e até hoje me

mobiliza em diversos sentidos – foi Giorgio Agamben. É ele que nos ajuda a refletir sobre o subterrâneo das cidades e dos corpos.

O seu texto *Para além dos direitos humanos* foi incluído no catálogo da exposição *Cidades sem cidadãos* e, ganhou um outro significado, embora Agamben já tivesse publicado o mesmo ensaio em *Mezzi senza fine, note sulla politica* (1996), traduzido para o inglês em 2000. Mas ao ser lido no contexto da discussão urbana, a sua narrativa sugeria novas questões.

O seu ponto de partida foi a afirmação bombástica de que, no final do século XIX, a burguesia ocidental havia perdido definitivamente os seus gestos. Para compreender o que ele queria dizer com isso era preciso conhecer, antes de mais nada, a sua definição de gesto como uma mediação, ou “a comunicação de uma comunicabilidade”. Quem perde os gestos perde a potência da comunicação. Era isso que interessava à curadoria da exposição. A perda do controle dos gestos na urbe, onde a pertença já havia se esvaído com a diluição e a invisibilidade do corpo, teria se tornado inevitável.

Cada vez que gesticulamos o fazemos para organizar o pensamento. É uma comunicação interna, por isso, mesmo os cegos gesticulam quando conversam. Não se gesticula para o outro e o gesto não precisa ter um significado dado nem identificável, ele se torna importante cognitivamente ao ser reconhecido como processo.

Agamben sempre foi um arqueólogo do pensamento e da linguagem; e como todo arqueólogo, estava interessado nas lacunas, nos buracos, nos silêncios e nas escavações dos sentidos.

Em 1974, teve a oportunidade de pesquisar, durante um ano, na biblioteca do Instituto Warburg, em Londres, cujo modo de organização era bastante peculiar e obedecia a uma política da boa

vizinhança. Os livros não eram dispostos em ordem alfabética, nem por assunto ou por autor. Eram colocados nas prateleiras como se um livro respondesse às questões propostas pelo vizinho (o livro que estava ao seu lado).

Foi a partir dessa experiência que Agamben adotou o que passaria a ser a sua metodologia de estudo e escrita que, para a grande maioria dos seus leitores, é muito caótica, aborrecida e quase incompreensível. Mas a sua lógica é, na verdade, facilmente reconhecível: a política da boa vizinhança. Por isso cada um dos seus livros responde às indagações do outro, criando uma rede complexa na qual ao levantar uma questão (chacoalhando uma borda da rede), outras pontas entram em movimento. Isso significa que, ao falar em gesto, emerge a cidade, e então o campo, as lacunas, a incomunicabilidade, o estado de exceção, o bando e a vida matável.

Além da perda de controle dos gestos, havia também, em seu ensaio, o reconhecimento de uma queda gradativa dos direitos humanos que permeava a crise radical de tudo o que contava com uma certa estabilidade até o século XIX: a ideia de nação, de estado, de identidade e dos próprios direitos humanos conforme haviam sido concebidos desde 1789.

Isso o levou a reconhecer o deslocamento cada vez mais explícito do paradigma da vida contemporânea: da polis para o campo de concentração ou estado de exceção.

Segundo Agamben, o campo é o espaço que se abre quando a exceção se torna a regra e isso tem acontecido de forma cada vez mais insistente nas cidades. Trata-se de uma mudança radical nos modos de ver e conhecer. O espaço dos territórios da nação deixou de ser apenas topográfico para se transformar em um espaço

topológico. Se a topografia diz respeito à descrição do lugar, a topologia teria mais a ver com o sentido dos caminhos. Assim, a leitura topológica não se refere, de forma alguma, a um espaço universal homogêneo. Por isso ao pensar na rede de conhecimentos que emerge da cidade, é possível dizer que, no caso da leitura topológica, a rede não está no espaço, *ela é o espaço*.

Qual a implicação dessa mudança para pensar a cidade? A ideia de estado-nação, assim como de identidade, é topográfica. Trata-se da descrição de um lugar. O lugar de onde viemos e ao qual pertencemos. Quando se cria o deslocamento para a leitura topológica, não se trata mais daquilo que habita um espaço porque a rede de informações é o espaço. Isso significa que não há mais como apartar o lugar onde a coisa está e a informação que é o lugar. Nesse sentido, a cidade se pluraliza. O espaço deixa de ser geográfico, físico e matemático para se tornar semiótico, filosófico e biológico.

A linguagem, diz Agamben, é a apropriação que transforma a natureza em um rosto. Para se manter identificável é preciso manter a comunicabilidade. Não se trata de uma identidade pronta e dada, trata-se de uma identidade processual. Nesse contexto, o gesto é o processo cognitivo que torna o significado visível, mas nunca se fecha nele, como costuma definir o senso comum. Não sem motivos, toda época que perdeu seus gestos acabou se tornando obcecada por eles. E nunca é fácil revitalizá-los.

A relação de exceção que impera nas cidades constituídas a partir do século XIX é uma relação de bando. A vida do bando, como a do *homo sacer*, é o limiar de indiferença e de passagem entre o animal e o homem, a inclusão e a exclusão. É como um lobisomem, nem homem nem fera, que está entre dois mundos e não pertence a nenhum.

Se o *homo sacer* era uma figura jurídica incluída no Direito Romano apenas para ser excluída, é porque a sua vida era matável, sem qualquer penalidade. E não seria diferente do bando. Na topologia da cidade, a estrutura de bando prolifera, uma vez que ele é mais íntimo que toda a interioridade e mais aberto que toda a exterioridade. A sua existência excepcional o coloca, ao mesmo tempo, dentro e fora dos ordenamentos e marca os novos modos de organização das formas-de-vida.

O subterrâneo das cidades sugere esse mesmo modo de existência do bando e do *homo sacer*. É marcado por uma série de ambivalências: invisível, mas presente; banido, mas incluído para exclusão; e, obviamente, incomunicável porque para dizer ou significar algo necessitaria de novos gestos – aqueles que foram perdidos e se tornaram objeto de obsessão.

No entanto, há uma certa inoperância que faz do subsolo uma potência de subversão, assim como a poesia age na prosa, corroendo as regras gramaticais, as mensagens e a comunicação evidente.

A meu ver, é nesse caldo semiótico inoperante que os processos de criação de Sonia Guggisberg insistem em existir. Ao insistir em uma resistência política explícita, reabilitam uma certa função subversiva da arte que, nas suas alianças estreitas com o mercado, tem se tornado cada vez mais diluída e inofensiva. Há uma instância criativa da catástrofe que opera em suas obras, como por exemplo, *Cachoeiras urbanas*¹. A fluidez apresenta uma potência ao mesmo tempo destrutiva e constitutiva, que questiona o grau de estabilidade das estruturas no corpo da cidade.

¹ Disponível em: <<https://vimeo.com/51453564>>. Acesso em: 25 set. 2018.

Ao fazer da ruína, da catástrofe e do esgotamento um rosto, no sentido proposto por Agamben, todas as suas experiências (entrevistas, instalações, imagens e reflexões) instauram um novo gesto.

É ele que subverte o perfil de exceção e faz da cidade, novamente, um devir cidade.

ⁱ Leach, Neil
Camouflage,
MIT Press, 2006

ⁱⁱ Roach, Joseph
The City of the Dead, Circum-Atlantic Performance,
Columbia University Press, 1996

ⁱⁱⁱ Agamben, Giorgio
Means without end, notes on politics,
University of Minnesota Press, 2000

SUBSOLO: um repertório de testemunhos e lacunas
Introdução
Sonia Guggisberg